USO DE PLANTAS MEDICINAIS PARA A SAÚDE DA MULHER NO BAIRRO SIQUEIRA CAMPOS (AXIXÁ-TO):

ENTRE TRADIÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS

Giovana de Oliveira Silva (UFNT)

Olivia Macedo Miranda de Medeiros (UFNT)

1. Apresentação e Justificativa

O presente trabalho investiga o uso de plantas medicinais para a saúde das mulheres no Bairro Siqueira Campos, situado em Axixá do Tocantins, no Bico do Papagaio, Estado do Tocantins. O bairro abriga uma média de 206 famílias, a maioria liderada por mulheres, conforme informações fornecidas pela Agente de Saúde local. Nosso objetivo com essa pesquisa é entender como as mulheres deste bairro, as quais denominamos de conhecedoras, pois são elas que detém o conhecimento sobre as plantas medicinais e seus preparos e as utilizam para prevenir, tratar ou aliviar os problemas de saúde femininos. Além disso, analisaremos como o uso dessas plantas medicinais pelas mulheres do Bairro Siqueira Campos está alinhado com as políticas municipais de práticas integrativas de saúde, como isso pode produzir ou não um diálogo entre saberes científicos e saberes tradicionais. Nosso estudo se baseia na Etnobotânica, área do conhecimento que estuda justamente a relação entre as pessoas e as plantas, ou seja, se trata do "estudo da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como elas são usadas", conforme define (ALCORN, 1995).

Andrade e Medeiros, na obra "Plantas Medicinais e a Saúde da Mulher" (2021), discutem como o uso das plantas medicinais no tratamento de algumas enfermidades que acometem a saúde das mulheres pode ser uma alternativa terapêutica complementar. Por outro lado, devemos considerar que em virtude dos elevados custos dos medicamentos alopáticos convencionais, as plantas medicinais tornam-se a única possibilidade para algumas comunidades que não possuem acesso pleno ao sistema básico de saúde. A pesquisa se concentra nas percepções que as mulheres conhecedoras do Bairro Siqueira Campos constroem sobre a contribuição das plantas para o bem-estar e a saúde feminina e, por isso, a Etnobotânica se mostra uma ferramenta útil para compreender a relação intima que essas conhecedoras estabelecem com seus quintais e as plantas neles cultivadas. Além disso, compreendemos essas práticas de “bem-estar comum”, conforme Michael Hardt e Antonio Negri (2016), como oriundas da participação das pessoas nas decisões coletivas e o reconhecimento do trabalho como fonte de riqueza e bem-estar, ou seja, entendemos essa busca por bem-estar como uma estratégia de cooperação entre as mulheres que mobilizam as plantas medicinais para beneficiar sua comunidade local.

1. Objetivos

OBJ. GERAL:

Conhecer o conjunto de saberes e fazeres com plantas medicinais praticados por mulheres para a saúde feminina no Bairro Siqueira Campos, com vistas compreender as relações entre essas práticas terapêuticas e as dinâmicas de saúde pública no referido bairro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1) Mapear as plantas medicinais cultivadas pelas mulheres Bairro Siqueira Campos, procurando entender a relação entre a troca de saberes tradicionais femininos e a busca por soluções de saúde.

2) Identificar e interpretar as percepções das mulheres acerca das políticas públicas de saúde feminina e o fortalecimento das práticas integrativas de saúde pública.

III - Metodologia

Para compreender as práticas relativas ao cultivo e ao uso de plantas medicinais na saúde da mulher no Bairro Siqueira Campos, optamos por utilizar duas metodologias complementares, a Pesquisa Participante e a História Oral. Escolha feita pensando na forma em que essas duas metodologias nos auxiliassem tanto na construção de um diálogo com as conhecedoras quanto na compreensão dos seus saberes acerca das plantas. Em sua base, a Pesquisa Participante surge como um caminho para as pluralidades dos modos tanto de viver quanto de pensar humano, visto que a escuta e compreensão são importantes para entender o que uma comunidade ou grupo social tem a dizer sobre suas vivências e experiências, pois, como explica Fonseca (2002), "este tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas." Com isso o autor quer dizer que a pesquisa participante vem de um pressuposto de participação do pesquisador na situação a ser investigada, além da participação das pessoas na construção da pesquisa.

Quanto à História Oral ela é apropriada nessa pesquisa por possibilitar ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial, sendo assim inseridos através dessa metodologia. Para Paul Thompson a História Oral se define como "uma história construída em torno de pessoas, ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação."(THOMPSON, 2002). Ela nos permite que interpretarmos a história e que compreendemos as mudanças que ocorrem nas sociedades e nas culturas, sendo que por meio desses relatos orais que aparecem as memórias e as experiências vívidas de nossos sujeitos. A pesquisa foi realizada em duas etapas: na primeira, fizemos a revisão bibliográfica dos materiais utilizados nas discussões. Na segunda etapa, entrevistamos seis mulheres, na qual quatro são conhecedoras e relatam seus conhecimentos acerca do uso de plantas medicinais, uma enfermeira e uma agente de saúde do bairro, que nos ajudaram a compreender como os usos das terapêuticas com plantas medicinais são integradas à saúde pública medicinal. Sendo elas: Maria Alves, 80 anos, Esmeralda Franco da Conceição, 64 anos, Firmina Oliveira, 83 anos, Maria Lopes de Sousa, 71 anos, Rosivan Silva, 45 anos (Agente de saúde do Bairro), landara Barroso, 25 anos (Enfermeira especialista em saúde da família).

1. Resultados

O uso de plantas medicinais para a saúde feminina é uma prática comum entre as mulheres residentes no Bairro Siqueira Campos, em Axixá-TO. O cultivo e uso dessas plantas são rotineiros no bairro, servindo como um instrumento de cuidado diário para a saúde dessas mulheres. Em entrevista, a conhecedora Dona Maria Lopes afirma que a presença das plantas medicinais seria constante em sua vida, além de destacar o uso do algodão como um recurso para tratar problemas relacionados à saúde da mulher: "[...] também tem o algodão bom para problemas no útero da mulher, o sumo dele é bom para tudo em quanto, por isso tenho ele aqui em casa [...]. Dona Maria apresenta o *Algodão* como uma espécie capaz de tratar problemas no útero, problemas esses que se relacionam principalmente a sangramentos, inflamações e situações menstruais, destacando sua utilização como uma forma de cuidado diário, já que em seu relato ela afirma como essa planta seria boa para "tudo em quanto", ou seja, significando, na linguagem popular, que essa espécie atende uma diversidade de enfermidades.

Ainda sobre o cuidado com a saúde feminina através do uso de plantas medicinais temos também o relato de Dona Firmina Alves Oliveira, 83 anos, sobre a utilização da *Arruda* que segundo ela "[...] serve para cuidar de infecções e cólicas menstruais, é muito boa, quando eu era mais nova gostava de usar bastante [...] é fácil de se encontrar por aqui; até na feira acha ela [...]” Como ela mesma ressalta, a arruda, além de um analgésico para as cólicas menstruais, pode servir também como anti-inflamatório natural, prevenindo infecções que acometem a região Intima feminina. Outra planta muito utilizada para combater cólicas menstruais é o *Crajiru*, planta apresentada por Dona Maria Lopes, 71 anos, que afirma ser "[...] bom para inflamação, aí você faz a garrafada e vai tomando, tem o *Tranchagem* que é muito bom para o mesmo sentido que te falei, tanto para cólicas ou inflamação, com o *Confrei*, o *menstruz*, só fazer o chá e beber". Todas essas plantas, estão no repertório das mulheres do bairro e fazem parte do cuidado diário, se constituindo um fazer costumeiro, podendo ser encontradas na feira e no mercado da cidade, principalmente na forma de garrafadas. Outro aspecto importante sobre esse repertório com plantas medicinais, está relacionado aos laços afetivos cultivados pelas mulheres, conforme o relato de Dona Maria Lopes:

[...] As plantas eu planto no meu quintal, mas não são só para mim não eu planto para as pessoas e que vem aqui me pedir, gosto de cuidar e dividir das minhas plantas com as minhas vizinhas e quem quiser vim buscar [...] É Sobre saber conviver bem com as pessoas." (Maria Lopes de Sousa 71, Entrevista concedida em 03/08/2023)

Desta forma, o conhecimento partilhado por mulheres e entre mulheres sobre as plantas medicinais para sua saúde, faz com que esses saberes repercutam na percepção do bem-estar comum que está presente nessas relações de compartilhamento tanto dos saberes sobre as plantas, quanto das espécies cultivadas nos quintais. Ser "sobre saber conviver bem com as pessoas" é algo que aparece como estratégia coletiva de convivência das mulheres do bairro, e que aproximamos da perspectiva do "bem-estar comum", o qual entendemos, segundo Hardt e Negri (2016), como um modo de instituir e gerir um mundo que busque uma convivência de cooperação entre as pessoas. Desse modo, pensamos que as plantas medicinais e seus saber-fazer associados não são apenas uma prática tradicional, mas uma cultura de saúde pública e principalmente um modo coletivo de se portar no mundo, que estão pressentes nos quintais das conhecedoras, conforme quadro abaixo:

|  |  |
| --- | --- |
| **Plantas Medicinais / Nome cientifico** | **Indicações Partilhadas** |
| Algodão */ Gossypium hirsutum* | Ele bom para estancar hemorragias, ferida, inchaço, restaurar fluxo menstrual e cólica menstrual. |
| Arruda */ Ruta graveolens L.* | Serve para regular a menstruarão |
| Crajiru*/ Arrabidaea chica* | Bom para inflamações e infecções ginecológicas. |
| Mastruz/ *Dysphania ambrosioides* | O Matruz é muito usado como um anti-inflamatório através da utilização da sua garrafada. |
| Capeba/ *Piper umbellatum L.* | Ela é boa para anemia, inflamação, fígado, febre e dores menstruais. |

Os nomes científicos foram extraídos das literaturas botânicas referenciadas no relatório PIBIC.

Catalogamos 12 espécies de plantas nos quintais das conhecedoras, das quais constam 05 no quadro acima, Em geral, elas são indicadas para o tratamento de infecções e inflamações comuns, representando, seu uso, uma forma de cuidado e tratamento diário, que ocorre antes de decidirem pela ida ao médico. No caso, a infecção vaginal é uma das infecções ginecológicas mais comuns entre as mulheres, causadas por microrganismos patogênicos e vêm se tornando uma epidemia silenciosa, que podem levar a complicações médicas graves, como doenças inflamatórias pélvicas e até infertilidade (CARVALHO et al., 2021; BHAT & BEGUM, 2018).

No caso da aplicação de políticas públicas com plantas medicinais no Bairro Siqueira Campos, a população conta com o auxílio da agente de saúde Rosivan Silva de Oliveira, 45 anos, que foi uma das interlocutoras da pesquisa. Essa profissional de saúde faz o acompanhamento das famílias que moram nesse local, encarregando-se de verificar as demandas gerais de saúde em suas visitas. Dentro desse processo de acompanhamento entra o *e-sus*, um sistema digital de acompanhamento e cadastro do SUS, o qual auxilia os agentes de saúde a manterem atualizados os dados de saúde de cada cidadão. Durante esse acompanhamento individual, a agente de saúde conversa sobre as moradoras do bairro sobre suas práticas terapêuticas, destacando que quase “todas as famílias que ela acompanha fazem uso, de algum modo, de plantas em seus dia a dia”. Também sobre o uso de plantas medicinais no cotidiano dessas famílias, Iandara Barroso, enfermeira que trabalha no setor de saúde há três anos, evidencia que em sua percepção:

.[...] nós, como profissionais de saúde, devemos ampliar esse conhecimento sobre as plantas medicinais dos nossos pacientes, que já possuem esse saber empírico, mas que ainda podem ter dúvidas sobre a veracidade do uso.” (Iandara Barroso 25 ANOS, Entrevista concedida em 27/08/2023)

Segundo Iandara, deve haver a ampliação do conhecimento sobre as plantas medicinas por parte dos profissionais de saúde, permitindo assim uma aproximação entre o saber cientifico e o saber tradicional. Manuela Carneiro Cunha no artigo “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico” (2007), ressalta que apesar de serem conhecimentos diferentes, essas diferenças acabam não se limitando aos respectivos resultados apresentados, pois esses conhecimentos, tanto os científicos como tradicionais, são incomensuráveis e não há uma integração entre ambos. Acerca dessa incomensurabilidade existente entre esses dois conhecimentos, Cunha defende que necessário compreender as diferenças entre eles e como a ciência moderna e hegemônica, referindo-se assim ao conhecimento cientifico, trabalha para deslegitimar os conhecimentos tradicionais.

Quando se refere aos “saberes empíricos”, Iandara destaca a importância de reconhecer os conhecimentos que suas pacientes possuem ao fazerem uso das plantas medicinais no seu dia a dia. Ainda em seus relato vemos claramente a tentativa de aproximar o saber cientifico do saber tradicional, já que segundo ela é um dever dos profissionais de saúde ampliar seus conhecimentos acerca do uso de plantas medicinais. Rosivan, agente de saúde do bairro, também compreende a relevância desses saberes, mas destaca ser imprescindível o acompanhamento médico, segundo ela “[...] o uso de chás e remédios feito através de plantas medicinais por partes das mulheres daqui do bairro é visto como algo positivo para o cuidado com a saúde, porém não devemos descartar a indicação de ir ao médico investigar o problema mais a fundo”. Os relatos da conhecedoras e os das agentes públicas de saúde, evidenciam haver um diálogo entre os campos científicos e o campo da tradição de cura partilhado pelas mulheres. Esse diálogo e essa circulação de saberes e fazeres não se excluem, atuando pelo bem comum na área de saúde do Bairro Siqueira Campos.

1. Considerações Finais

Portanto, concluiu-se que o repertório das mulheres conhecedoras sobre as plantas são uteis e atuais para o cuidado da saúde da mulher, evidenciando que sus saberes além de serem um aprendizado intergeracional, é também um campo em aberto para novos aprendizados de cura. AS espécies que cultivam nos quintais tratam diversas doenças, destacando-se, principalmente, segundo levantamento presente no quadro, infecções, inflamações, cólicas menstruais e os cuidados relacionados a menopausa, sendo os mesma relatados recorrentemente em seus relatos. Além disso o uso dessas plantas nos cuidados diários é estimulado pelas profissionais de saúde que atendem ao bairro, visto que a utilização dessas plantas esta regulamentada em legislação própria pelo SUS, e pautam a Política Nacionais de Práticas Integrativas Complementares de Saúde as (PNICS), que busca integrar as práticas tradicionais à medicina convencional, reconhecendo assim a importância da atenção integral à saúde da mulher vinculada ao uso de plantas medicinais. A implementação dessas políticas no âmbito municipal tem feito com que o uso de plantas alcance reconhecimento dentro das diversas áreas da saúde, embora ainda haja por parte de muitos profissionais uma visão hierárquica que subalterniza os saberes com plantas medicinais. A despeito desse aspecto, as mulheres conhecedoras resistem usando e indicando as plantas medicinais, pois ela entendem que essa prática vai além da coleta e do cultivo de plantas, ela repercute como cuidado, como acolhimento das mulheres entre mulheres, pois como bem lembra Maria Lopes, planta medicinal é “sobre saber conviver com as pessoas.

1. Referências Bibliográficas

ALCORN, Jane B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Ed.). Ethnobotany: evolution of a discipline. Cambridge: Timber Press, 1995.

ANDRADE, Teresinha de Jesus Aguiar Santos; MEDEIROS, Lis Cardoso Marinho. Plantas medicinais para saúde das mulheres. Teresina -Pl: EDUFPI, 2021

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO BÁSICA. Política Nacional de práticas integrativas e complementares no SUS - PNPIC-SUS. [s.l.] Brasília, Df: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.Apostila. p.30-40

GONÇALVES, Juliana da Silveira. Manual de Fitoterápicos Nutricionista. 1ª ed. Atheneu, 2019.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de janeiro - RJ: Paz e Terra, 3ª Edição, 2002.p.305-322.

1. Agradecimentos

Agradeço o apoio da Universidade Federal do Norte do Tocantins e da minha orientadora, a professora Olivia Macedo Miranda de Medeiros na realização dessa pesquisa.